

Língua e migração: a representação de “invasão” em Roraima

Language and migration: the representation of “invasion” in Roraima

Cora Elena Gonzalo Zambrano¹

Universidade Estadual de Roraima (UERR)

coragonzalo@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7617-2704>

Resumo: Diante do crescente movimento migratório de venezuelanos para o Brasil, o estado de Roraima ocupa um lugar de destaque na dinâmica de recepção dos migrantes de crise de origem venezuelana. Nesse contexto, este trabalho tem como objetivo refletir acerca da representação do venezuelano como “invasor” em meio às manifestações xenofóbicas de parte da população roraimense e da língua espanhola representada como “a língua do invasor”. O referencial teórico está embasado na Linguística Aplicada com debates sobre língua e migração de crise. A metodologia utilizada foi qualitativa e interpretativista, com recortes de narrativas orais de migrantes de crise residentes em Roraima geradas em atividade de grupo focal. Os resultados apontam que a representação do migrante “invasor” está presente na sociedade roraimense tanto por parte de brasileiros quanto dos estrangeiros, e o uso da língua espanhola pode influenciar na maneira como essas pessoas são tratadas no estado.

Palavras-chave: Migração Venezuelana; Invasão; Xenofobia.

Abstract: Given the growing migratory movement of Venezuelans to Brazil, the state of Roraima occupies a prominent place in the dynamics of reception of crisis migrants of Venezuelan origin. In this context, this paper aims to reflect on the representation of the Venezuelan as an “invader” in the midst of xenophobic manifestations of part of the population of Roraima and the Spanish language represented as “the language of the invader”. The theoretical framework is based on applied linguistics with debates on language and crisis migration. The methodology used was qualitative and interpretativist, with clippings of oral narratives of crisis migrants living in Roraima generated in a focus group activity. The results point out that the

¹ Doutora em Estudos da Linguagem, área de concentração Linguística Aplicada (UFMG). Professora da Universidade Estadual de Roraima (UERR).

representation of the “invading” migrant is present in Roraima’s society by both Brazilians and foreigners, and the use of the Spanish language may influence the way these people are treated in the state.

Keywords: Venezuelan migration; Invasion; Xenophobia.

Introdução

De acordo com a Plataforma de Coordenação Interagencial para Refugiados e Migrantes da Venezuela (R4V, 2022), até outubro de 2022 havia cerca de 390 mil migrantes² venezuelanos no Brasil, incluindo solicitantes de residência e de refúgio. A maioria ingressou no país pelo estado de Roraima que possui fronteira com o estado de Bolívar, na Venezuela.

Diante do intenso movimento migratório de venezuelanos a partir do agravamento da crise no país vizinho, faz-se necessário discutir alguns aspectos sociais e linguísticos que emergem nesse contexto. Sendo assim, este artigo tem como objetivo refletir acerca da representação do migrante venezuelano como “invasor” e da estigmatização da língua espanhola em Roraima. Trazendo dados da tese de doutorado de Zambrano (2021a), são debatidas questões importantes sobre a representação da língua espanhola como “língua do invasor” e a xenofobia sofrida pelos falantes de espanhol no estado.

Por existir uma fronteira seca e pacífica entre a Venezuela e o Brasil, Roraima é o primeiro lugar que os migrantes de crise de origem venezuelana procuram para fazer a regulamentação de documentos, buscar assistência médica, dentre outros serviços. Com o agravamento da crise no país vizinho e a chegada de grande número de pessoas solicitando refúgio, a partir de 2017, o Brasil passou a conceder a residência temporária aos venezuelanos que atravessam a fronteira terrestre. Portanto, de acordo com Baeninger (2018), por causa da facilidade em obter a documentação, o Brasil tornou-se o *país possível* dentro do que a autora denomina de migração Sul-Sul.

Tais fatos ocasionaram o trânsito de milhares de pessoas em situação de vulnerabilidade nas ruas de Roraima, ainda que parte desses migrantes não permaneçam no estado por muito tempo, são as instituições localizadas nas cidades roraimenses que prestam os serviços iniciais, até que os processos de interiorização (para outros lugares do país) e de deslocamento a outros países da América Latina sejam efetivados.

Embora muitos venezuelanos desejem manter residência em Roraima para permanecer perto do país natal, alguns acabam desistindo e procurando oportunidades em outras regiões do Brasil, já que o estado de Roraima possui poucas fontes de emprego, devido à carência de indústrias e a um setor comercial ainda em desenvolvimento, com a economia conhecida como “economia do contracheque”

² Neste trabalho é usado o termo *migrante* para se referir a imigrantes e refugiados de maneira geral, também para deixar claro que a migração é um processo de quem sai do seu lugar de origem e chega a novos destinos, isto é, um processo que inclui a emigração e a imigração..

por ser dependente das instituições públicas. Nessa perspectiva, Silva (2018) aponta que o aumento do fluxo migratório trouxe uma sobrecarga aos serviços públicos do estado de Roraima. Com isso, muitos roraimenses passaram a associar a migração venezuelana à criminalidade, à prostituição, a doenças e à precarização no mercado de trabalho. Tais visões negativas aparecem com frequência em notícias divulgadas pela imprensa local, sendo reproduzidas por parte da população, principalmente por meio de comentários em redes sociais.

Como afirmam Aragão e Santi (2018, p. 9), a mídia tradicional tende a publicar “uma versão xenofóbica e errônea do fluxo migratório”. Temas como o aumento da criminalidade e os problemas de superlotação do sistema público de saúde causados pela migração eram³ retratados diariamente nas manchetes dos jornais, e tal perspectiva observada na mídia repercutiu “negativamente na opinião pública e no imaginário social, gerando violências simbólicas, verbais e até mesmo físicas direcionadas ao sujeito migrante” (Aragão; Santi, 2018, p. 10). O aumento da criminalidade é um dos temas mais debatidos e causador de atitudes preconceituosas, como retratado por um migrante venezuelano na seguinte charge produzida em um curso de português oferecido em Roraima:

No texto, o migrante venezuelano questiona se não há brasileiros ruins, pois todos os bandidos parecem ser venezuelanos devido às notícias publicadas nos jornais de Roraima. Dessa maneira, percebe-se o tom de reclamo frente à tendência de veiculação de informações negativas relacionadas aos migrantes nos meios de comunicação do estado. Em redes sociais e em comentários de sites de notícias é comum ver alguns termos depreciativos que costumam ser usados por parte da população para se referir às pessoas de nacionalidade venezuelana, como por exemplo “invasão venezuelana” no lugar de “migração venezuelana”. Mota (2019) pesquisou a relação entre representações sociais, mídia

Imagem 1. Charge sobre criminalidade e migração em Roraima



Fonte: Zambrano (2021b)

³ A escolha pelo verbo no pretérito deve-se à percepção desta pesquisadora como moradora de Roraima e leitora da imprensa local de que nos últimos dois anos a tendência a esse tipo de manchete com linguagem estereotipada vem diminuindo.

e violência no contexto da migração de venezuelanos em Roraima, analisando notícias e comentários publicados nos jornais Folha de São Paulo e Folha de Boa Vista. De acordo com a autora, nas notícias e nos comentários dos leitores é possível perceber argumentos utilizados para mostrar que a migração “veio para abalar a tranquilidade de Roraima” (Mota, 2019, p. 93). Tal migração também é representada como “[...] irregular, como invasão, que inunda Roraima”. As classificações mais encontradas são a migração irregular, fuga para Roraima, invasão, migração forçada, migração desordenada e travessia clandestina” (Mota, 2019, p. 94).

Para debater a representação da “invasão”, esta pesquisa segue a abordagem qualitativa e interpretativista (Moita Lopes, 1994), com registros obtidos por meio de recortes de Zambrano (2021a), especificamente um fragmento de uma entrevista semiestruturada com uma servidora da Secretaria de Educação de Roraima, e excertos de uma atividade de grupo focal realizada com 8 venezuelanos participantes de um curso de extensão de produção textual para migrantes, ofertado por uma universidade pública do mesmo estado. O grupo focal aconteceu por meio de videoconferência e foi gravado em áudio, iniciando com um elemento provocador para incentivar o debate e gerar narrativas orais acerca das representações sobre os migrantes venezuelanos em Roraima.

Todos os participantes do curso de extensão foram convidados para a atividade do grupo focal, marcado em dia e horário diferente das aulas, deixando claro que não estava relacionada ao conteúdo do curso, mas tratava-se de uma pesquisa cujo tema foi informado ao ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Por questões de disponibilidade de tempo, apenas 8 migrantes dispuseram-se a participar da atividade e, neste texto, é apresentado um recorte das narrativas com o objetivo de dar ênfase à representação de invasão. Os nomes usados para identificar os participantes são fictícios e o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Minas Gerais.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: na primeira seção é apresentado o referencial teórico com uma discussão sobre migração de crise e língua do “invasor” em Roraima. Na segunda seção são analisados fragmentos de narrativas orais de migrantes de crise alunos de um curso de extensão oferecido por uma Universidade pública. Nessas narrativas são destacadas as representações sobre a língua espanhola e sobre a chamada “invasão” venezuelana. Por último, são apresentadas as considerações finais.

Migração de crise e língua do “invasor”

Teoricamente este texto está embasado em uma Linguística Aplicada (doravante LA) denominada híbrida ou mestiça, a Linguística Aplicada Indisciplinar (Moita Lopes, 2006), que tem caráter transgressivo e transdisciplinar, dialogando com outras áreas do conhecimento sem a pretensão de buscar verdades absolutas.

É nesse viés trans e interdisciplinar que este trabalho debate sobre representações; para Jodelet (2001), a teoria das representações tenta compreender a maneira como os indivíduos, em seus respectivos grupos sociais, representam o mundo por meio de suas interpretações das vivências sociais, em um determinado tempo e espaço. Silva (2009), por sua vez, define a representação como um sistema linguístico e cultural envolvido em relações de poder. As representações e as relações de poder são temas debatidos com frequência em estudos da área de LA que se preocupam com questões da língua

em uso e problematizam contextos de grupos minorizados e historicamente estigmatizados, como os migrantes de crise.

A migração transfronteiriça de venezuelanos para Roraima é, com frequência, denominada “crise migratória”, termo reproduzido por políticos e em matérias jornalísticas veiculadas em Roraima. A expressão “crise migratória” traz uma concepção de problema social, contestada por Moreira e Borba (2021) ao defender que o termo adequado para denominar tal deslocamento é *migração de crise*. Esta visão leva em consideração que os deslocamentos fazem parte da história dos seres humanos e os migrantes não devem ser vistos como um problema para as sociedades receptoras.

Nessa perspectiva, a crise não é gerada pelos migrantes, pois estes são vítimas de crises humanitárias em seus países natais. Os migrantes de crise são sujeitos que passam por graves crises sociais, econômicas, políticas e identitárias. Tal situação começa no lugar de origem e se estende por todo o processo de deslocamento, inclusive, quando já estão instalados no país receptor. Entretanto, a impressão que passam os debates políticos e xenofóbicos é que os problemas de superlotação na saúde e educação, bem como as altas taxas de criminalidade do estado de Roraima foram gerados pela migração, isto é, a crise seria culpa dos migrantes.

Como apontado por Silva (2017), em Roraima são utilizados os termos ‘invasão’ e ‘crise’ de forma simplista, que tendem a ser reproduzidos por parte da população e já geraram vários conflitos, inclusive com uso de violência física. A denominação do migrante venezuelano como invasor foi destacada por Moura e Souza (2019) ao analisarem falas de roraimenses em uma rede social, mostrando comentários que representam os venezuelanos como invasores. O conteúdo divulgado na internet dá destaque a uma suposta invasão no mercado de trabalho, na saúde e na área de educação. De acordo com os comentários postados na rede social, a “invasão” prejudica os brasileiros porque as vagas que seriam dos moradores locais estariam sendo preenchidas pelos migrantes.

Mota (2019) fez uma análise de notícias e comentários relacionados à migração de venezuelanos para Roraima publicados nos Websites de dois jornais: Folha de São Paulo e Folha de Boa Vista. Dentre várias palavras analisadas nas reportagens publicadas entre 2018 e 2019, uma das que mais aparece é “invasão”, como é possível ver no quadro abaixo:

Quadro 1- Classificação das notícias do Jornal Folha de São Paulo entre 2018 e 2019

MOBILIDADE HUMANA	Migração irregular	3	Migração irregular	7
	Fuga para Roraima	8	Fuga para Roraima	18
	Invasão	8	Invasão	2
	Travessia clandestina	2	Travessia clandestina	3
	Migração forçada	2	Migração forçada	0
	Migração desordenada	1	Migração desordenada	3
SUJEITO MIGRANTE	Fugitivo	2	Fugitivo	6
	Invasores	1	Invasores	2
	Refugiados	4	Refugiados	51
	Irregulares	4	Irregulares	6
	Indígenas	10	Indígenas	15

Fonte: adaptado de Mota (2019)

“Fuga para Roraima” e “Invasão” são as duas categorias que mais aparecem nas notícias analisadas pela pesquisadora, que ainda explica a maneira como os migrantes costumam ser representados pela Folha de São Paulo: “[...] com palavras negativas, como irregulares, indocumentados, fugitivos, desesperados, famintos, **invasores**, refugiados que inundam o Brasil” (Mota, 2019, p. 94, *grifos nossos*). Em relação aos comentários dos leitores na Folha de Boa Vista, Mota (2019, p. 112) afirma que “os comentários pedem a atuação do Estado para combater essa “invasão” dos venezuelanos em Roraima”.

Oliveira e Lacerda (2018), por sua vez, analisaram o ódio propagado em redes sociais e em comentários de sites de notícias com uso de termos de cunho pejorativo para designar os venezuelanos, como por exemplo: ‘pragas’ e ‘pestes’. Tais comentários deixam clara a violência simbólica contra os migrantes venezuelanos em Roraima, fomentando o preconceito na maioria das postagens.

No cenário migratório vivenciado em Roraima a partir de 2016, aproximadamente, com venezuelanos em situação de vulnerabilidade que não encontram vagas nos abrigos e acabam ocupando lugares abandonados para morar; bem como com o aumento da criminalidade e outros aspectos negativos ressaltados com frequência nos meios de comunicação, os cidadãos venezuelanos acabam sendo marginalizados e representados como membros de uma comunidade invasora. Tal comunidade costuma estar diretamente relacionada ao uso da língua espanhola, língua majoritária na Venezuela, que, nesse contexto, Zambrano (2020) denominou de *língua do invasor*. Para a autora, os falantes de espanhol (venezuelanos ou não) podem ser excluídos por pessoas que generalizam crimes cometidos por venezuelanos em Roraima e estigmatizam os cidadãos do país vizinho.

Em um artigo acerca da xenofobia sofrida por migrantes em Roraima é narrado o caso de um taxista espanhol que foi discriminado diversas vezes em Boa Vista por se comunicar em língua espanhola, chegando a sofrer violência física. O taxista relatou que o problema não acontecia quando falava português (Sarmiento; Rodrigues, 2018), o que mostra que qualquer falante de espanhol pode ser representado como “invasor” devido à generalização de que todo hispano-falante em Roraima é venezuelano, sendo considerado um migrante “indesejado”.

Como aponta Lagares (2013, p. 196-197), a língua espanhola no Brasil “é influenciada por representações sobre a língua” e “por ideologias linguísticas conflitantes” que passam pelo imaginário da população brasileira nos contextos sócio-históricos de contatos e conflitos fronteiriços. Tais imaginários contribuem para os mitos e as crenças sobre as línguas, como por exemplo, a crença de que o espanhol “puro e correto” é o da Espanha, reproduzida com frequência em Roraima (Lima, 2015).

Nesse sentido, Zambrano (2021a, p. 82) salienta que, em Roraima, “além do mito que desprestigia a variedade venezuelana, estão em jogo as representações sobre a língua espanhola associada à criminalidade”. Em consonância com Shohamy (2006), é possível afirmar que os mitos e representações sobre as línguas das minorias podem resultar em estigmas e estereótipos de linguagem. Dessa forma, embora a língua espanhola tenha importante reconhecimento internacional, no contexto roraimense tende a ser desprestigiada devido à chamada “crise migratória”, sendo representada por parte da população como “a língua do invasor”.

O espanhol em Roraima, portanto, é uma língua minorizada e estigmatizada em detrimento de estruturas de poder. Lagares (2018, p. 121) esclarece que “as minorias existem sempre em relação a uma posição hegemônica dada”. Dessa forma, um grupo é considerado minoritário em relação ao

grupo hegemônico de determinado lugar. As línguas minorizadas são usadas às margens das línguas dominantes e o status político é o critério mais importante para sua definição, deixando de lado a representatividade numérica de tais falantes. Desse modo, existem línguas com grande quantidade de falantes que, politicamente, estão à margem da língua majoritária e dominante, como a língua espanhola quando levamos em consideração o atual contexto roraimense.

Conforme apontado por Zambrano (2020), o espanhol é usado em todos os âmbitos da sociedade roraimense. Devido à grande quantidade de migrantes venezuelanos, é possível ouvir pessoas conversando em língua espanhola em parques, praças, supermercados, escolas, hospitais, universidades, bares, restaurantes, dentre outros. A língua majoritária dos migrantes de crise também passou a fazer parte da paisagem linguística das cidades, principalmente da capital, Boa Vista, por meio de placas e informações em parques, postos de saúde, praças e escolas, por exemplo (Zambrano, 2020, 2021a). Tal paisagem linguística é considerada pela autora supracitada como um instrumento de política linguística implícita, que serve para visibilizar os migrantes de crise.

Contudo, nem sempre o uso da língua espanhola é bem-visto. Maher (2013) defende que existe uma relação entre políticas linguísticas e políticas de identidade, que pode enaltecer ou estigmatizar as identidades dos falantes de uma determinada língua. Como debatido acima, em muitos casos, o espanhol é estigmatizado em Roraima. Levando em consideração esse contexto e em consonância com Shohamy (2006), é possível afirmar que o termo *migrante* tem uma conotação de baixo status, pois essas pessoas sempre serão rotuladas como ‘as outras’. Tal percepção pode ser explicada por Derrida (2000), para quem o acolhimento do estrangeiro é uma questão política. Segundo o autor, o migrante estrangeiro fala uma *outra* língua, é o *outro* cidadão, pertencente a *outra ordem jurídica*. Dessa forma, para o migrante ser tratado como um cidadão local, deve se submeter às leis locais; mas para isso, deve compreender, minimamente, a língua do lugar de acolhimento, uma língua que não é a sua, é imposta pelo Estado.

Derrida (2000) explica a existência de *o outro absoluto*, que seria um cidadão fora da lei, considerado, por vezes, invasor; que não se encaixa na ordem econômica e cultural geralmente aceita pela sociedade “acolhedora”. Nessa perspectiva, Derrida (2000) explica a diferença entre o acolhimento do estrangeiro e o acolhimento do outro absoluto. Para o estrangeiro, existe uma hospitalidade jurídico-político-moral, mas, para o outro absoluto, a hospitalidade seria incondicional, relacionada com a alteridade absoluta, algo que, segundo o autor supracitado, é impossível. Portanto, acolher absolutamente é aceitar aquele que chegou sem ser convidado, “o invasor”. Por tal motivo, o acolhimento jurídico-político pode vir com rejeição e xenofobia, na tentativa de se proteger ou de proceder à apropriação e à dominação.

Nesse sentido, em Roraima, a migração oriunda da Venezuela colocou em evidência o espanhol, concebido, por uma parcela da população, como “a língua do invasor” (Zambrano, 2020). Assim, essa língua passa por um processo de minorização, ao ser associada ao migrante indesejado e não a uma língua de grande importância internacional. Tal processo não acontece apenas com uma pessoa, mas com a comunidade de migrantes venezuelanos em Roraima, em consonância com o que Castelano Rodrigues (2018) chama de língua da *comunidade marginalizada*, expressão usada com o objetivo de ressaltar as relações de poder, bem como o processo de exclusão e opressão vivido por grupos como esses.

Dialogando com a Lei de Migração (2017), Costa (2021) defende a necessidade de expandir uma expressão inserida na referida lei: ‘não criminalizar’. Para o autor, a não criminalização não deve se referir apenas à ausência de indícios criminais na atividade migratória, mas a acabar com o conjunto de atitudes de criminalização contra pessoas migrantes. Em Roraima são inúmeros os casos de discriminação relacionados aos migrantes venezuelanos divulgados pela imprensa e publicados em livros e artigos científicos e, alguns, passam da discriminação para a *incriminação* e a *criminalização*, no sentido de incriminar um migrante em delitos, pelo simples fato de ser venezuelano.

Conforme Almeida, Rodrigues e Cruz (2020, p. 149), “a população venezuelana é considerada intrusa em território que não só não a recebe, mas também a incrimina e a expulsa”. A pesquisa mostrou as diferenças de comportamento dos leitores do Jornal Folha de Boa Vista quando são publicadas notícias nas quais os migrantes são vítimas: “quando os imigrantes são as vítimas há um silêncio generalizado, diferentemente de quando eles são os autores ou suspeitos de crimes ou delitos” (Almeida, Rodrigues; Cruz, 2020, p. 159), ao referir-se aos comentários dos leitores que são deixados no final de cada notícia. Dentre os resultados encontrados pelas autoras está a parcialidade do jornal roraimense ao ressaltar a nacionalidade venezuelana enquanto relativiza a brasileira quando noticiam casos de crimes em Roraima.

Dessa forma, o migrante é, em geral, representado como o autor do crime, o outro invasor, falante de outra língua. Em alguns casos, migrantes venezuelanos realmente participam de crimes em Roraima, no entanto, uma grande quantidade deles trabalha e colabora com o desenvolvimento do estado, mas acaba sendo discriminada, incriminada e criminalizada, apenas pela nacionalidade e a língua falada, destacando assim, as representações negativas sobre esses sujeitos e suas línguas.

Representação do invasor: a xenofobia

Nesta seção é apresentado um excerto de entrevista realizada com uma funcionária pública, mais especificamente da Secretaria de Educação do estado de Roraima. Também são analisados fragmentos de narrativas orais de venezuelanos residentes em Roraima publicados em Zambrano (2021). No seguinte excerto de uma entrevista realizada para a referida tese é possível perceber como a representação da “invasão” está presente em diversos âmbitos quando se trata da grande quantidade de migrantes venezuelanos em Roraima, até mesmo na Rede Estadual de Educação:

“A gente sabe que **isso causou até um sentimento de invasão**, não só na educação. Eu destaco dois pontos: Temos muitos professores adoecendo, os professores se deparam com alunos que não têm condições de acompanhar o conteúdo, porque os alunos não têm o conhecimento prévio para aquela série e também por conta da língua”.

A expressão “sentimento de invasão”, destacada pela profissional da educação, está presente em diversas áreas; porém, na visão da entrevistada, nas instituições escolares a cobrança é muito grande devido ao direito à educação e à responsabilidade atribuída ao professor. Nessa perspectiva, o sentimento de invasão é uma forma de representar a grande demanda gerada pela migração diante do

despreparo do estado. Nesse cenário, é evidente a política de acolhimento guiada pela hospitalidade condicional que, segundo Derrida (2000), é aquela hospitalidade por obrigação, que causa problemas à sociedade receptora. Neste caso, são problemas que os professores enfrentam em sala de aula, diante da grande quantidade de alunos que não falam a língua portuguesa, isto é, uma “invasão” de estudantes que “dificultam” a aula. No entanto, da forma como foi relatado, pode parecer que o único fator que causa a “doença” dos professores é a recepção de migrantes de crise nas escolas, como se não existissem outros problemas na rede estadual de ensino de Roraima. Da mesma maneira, é perceptível que a língua espanhola é sempre apontada como uma das dificuldades, e é atrelada à chamada “invasão”.

Apesar de não mostrar, explicitamente, uma fala xenofóbica, a funcionária pública brasileira destaca a representação de “invasão”, uma invasão na área de educação e em outros âmbitos dos serviços públicos de Roraima, opinião que é compartilhada por parte da população local, como corroboram as pesquisas de Moura e Souza (2019) e Mota (2019). Para além da opinião dos brasileiros residentes em Roraima, esta pesquisa busca analisar a percepção dos venezuelanos acerca do preconceito e da xenofobia relacionada à migração e aos migrantes enquanto falantes de outra língua em Roraima.

Antes de analisar os fragmentos das narrativas orais, é importante salientar que os participantes do grupo focal tiveram a oportunidade de realizar o debate em língua espanhola, no entanto, todos preferiam usar a língua portuguesa. Os migrantes em questão possuem diferentes níveis de proficiência em português e o tempo de residência no Brasil varia de 2 a 20 anos. A transcrição foi realizada respeitando a fala dos migrantes, com as marcas características da língua materna dos aprendizes destacadas em *itálico*.

Uma das perguntas realizadas foi: como se sentiam ao falar espanhol para pedir informações, fazer compras ou buscar atendimento médico? Como podemos observar a seguir, algumas respostas exploraram o tema do preconceito e da xenofobia, levantando questões que podem causar rejeição à cidade receptora, conforme explicado na fala da Mônica:

Mônica: quando eu cheguei aqui *na Boa Vista*, em setembro de 2018, **eu tive dois encontros que eu só queria ir embora daqui de Roraima**, eu não queria ficar aqui, até porque eu já tinha conhecido um pouco de Rio e as pessoas de lá são muito amáveis, bem educadas... e aí **quando eu cheguei aqui a primeira impressão que eu tive foi, assim... pessoas grossas... pessoas que... eu entendo agora que essas pessoas tinham um pouco de preconceito por conta de muitos conterrâneos meus vieram para cá para fazer coisas que não eram certas, mas naquela época eu não entendi**, aí eu falei para meu marido que eu queria ir embora e a gente foi morar em Goiânia, 6 meses, aí lá na verdade foi onde eu me senti livre, aqui não, aqui em Boa Vista não, eu sentia que eu não encaixava aqui. Aí quando eu fui morar em Goiânia, o pessoal de lá é bem gentil e aí, se eu não falava eles procuravam... buscavam um jeito de me entender. É tanto assim que eu só tinha 15 dias lá e eu já tinha arrumado um emprego, aqui eu já vou completar dois anos e meio e ainda nem emprego tenho.

Pesquisador: por que voltou a Boa Vista?

Mônica: por conta do trabalho do meu marido. A empresa que meu marido trabalha mandou ele pra lá, aí acabou o trabalho lá e a gente teve que voltar. **Eu chorei muito, quase duas semanas, desde que eu fiquei sabendo que a gente ia voltar para cá**, eu só foi chorar... mas agora eu já me adaptei aqui, o único que eu não gosto daqui é do calor, mas tudo bem.

A experiência da Mônica em Roraima não foi agradável, pelo contrário, certas atitudes preconceituosas criaram até uma resistência à cidade receptora. Ela teve a impressão que os moradores do estado eram “grossos”, diferente das pessoas em outros lugares do país que já conhecia. Por tal motivo, decidiu se mudar de Boa Vista e a experiência em outra cidade foi diferente, já que as pessoas eram gentis e se esforçavam para entender o que Mônica falava. A tristeza e o choro de Mônica ao saber que retornaria a Roraima mostra o quanto foi difícil se adaptar nesse estado fronteiriço que já foi palco de diversos atos xenofóbicos, como ressaltado por Mônica no seguinte relato:

Mônica: um dia eu estava na lotérica e tinha uma pessoa lá que tinha sido roubada, disse que por um venezuelano, **ela não ouviu ele falar**, mas como **tem o costume que tudo que acontece é venezuelano**, porque venezuelano é o único que faz coisa ruim... então **ela falava que os venezuelanos somos uma “praga”, eu não sei se aqui chamam de praga, bicho, no sei... praga!** Um termo muito feio, aí ela falou, tava falando com outro brasileiro, e eu fiquei tão calada, tão nervosa porque eles estavam *tan...* com tanta raiva de nós, que eu *ni* (nem) falei... mas ela falou uma coisa muito feia, **ela falou que se ela chegar a ficar grávida, ela ia fazer um aborto porque ela não ia permitir criar um filho dela em meio de tanta “praga” como eram os venezuelanos...** aí eu tinha muito pouco tempo aqui, e aí imagina, qual é a impressão que eu tive, né. **Eu *ni* falava...**; outra coisa que *aconteció* comigo ali no sinal da Ataíde Teive (uma das avenidas mais movimentadas na periferia da capital) com a avenida Nazaré Filgueira. Eu gosto de andar muito de bicicleta e eu saí uma manhã para fazer umas compras e eu aguardarei o sinal mudar a luz para eu passar e aí uma brasileira que ia numa moto, ela... passou a luz, era a minha vez de passar, mas ela continuou e ela me atropelou e tinham uns três brasileiros eu acho, que andavam de moto também, aí eles vieram para cima de mim, mas tinha um brasileiro que ia cruzar a avenida de pé, ele andava de pé, e ele conseguiu me defender porque ele viu tudo, *pues*, ele *conseguió* sair para atrás, mas eu não consegui porque andava de bicicleta. **Mas eu sei que não é todo mundo assim, porque eu tenho muitos amigos brasileiros que é como falam aqui “Show de bola”.** A maldade, a crueldade não têm raça, não tem cor, não tem fronteira.

A narrativa acima começa com a percepção de Mônica de que todas as coisas ruins que acontecem em Roraima são atribuídas aos migrantes venezuelanos, ou seja, percebe-se a criminalização do migrante. Ao dizer “**ela não ouviu ele falar**”, é possível analisar que por meio da língua falada, sendo a língua espanhola ou a portuguesa com marcas do espanhol, classifica-se o migrante indesejado, sujeito fora da lei que pode ser identificado pela “língua do invasor”.

O termo pejorativo “praga” já foi mencionado por Oliveira e Lacerda (2018), autores que analisaram o ódio propagado em redes sociais e em comentários de sites de notícias com uso de termos de cunho pejorativo para designar os migrantes de crise residentes em Roraima. Com o trecho acima, é possível perceber que esse tipo de conotação negativa não está apenas no mundo virtual, mas nas ruas e em diferentes lugares da cidade. Mônica, apesar de não entender muito bem, percebeu que a palavra “praga” era algo que denominou de “feio” e, notando toda a raiva que a brasileira sentia dos venezuelanos, preferiu ficar calada, pois estava nervosa, com medo de dizer alguma coisa e ser reconhecida como venezuelana naquele contexto xenofóbico, podendo ser representada como a “invasora” indesejada.

Nessa narrativa, evidencia-se a maneira negativa como os venezuelanos são representados por uma grande quantidade de roraimenses, como sujeitos de má índole, o que Castelano Rodrigues (2018) chama de *comunidade marginalizada*. Comunidade esta que fala uma língua minorizada por uma sociedade dominante que ainda imagina a nação na concepção da *comunidade imaginada* (Anderson, 2008), com generalizações como a afirmação que todos os venezuelanos residentes em Roraima são bandidos, são “pragas”. No mesmo trecho da narrativa há uma fala sobre o aborto, algo muito forte que deixou clara a xenofobia que pessoas da sociedade roraimense expressam em alguns comentários. Seguindo tal visão xenofóbica, os migrantes venezuelanos em Roraima seriam representados como *o outro cidadão* (Derrida, 2000), o migrante invasor. Na contramão desse tipo de afirmação, Mônica, apesar de haver vivido situações desconfortáveis no estado, prefere não generalizar ao salientar que nem todos os roraimenses são preconceituosos, ela afirma que muitos são “show de bola”.

Outra participante do grupo focal e do curso de português expressou sua opinião justificando o motivo de alguns brasileiros terem preconceito com os venezuelanos:

Mariana: as pessoas aqui são boas. Escutando o que a Mônica falou, **de pessoas brasileiras que têm preconceito, mas acho que também as pessoas sentem medo, numa cidade que antes era tranquila.** Eu conheci Boa Vista no ano 2002, eu *vine* de férias para cá, **a cidade era muito tranquila, a gente (as pessoas) muito amáveis... mas eu acho que quando começou esse êxodo de tanta gente, uma “invasão”, os boa-vistenses começaram a ter medo. Também muitos venezuelanos roubavam... faziam coisas não muito certas.** Eu acho que, principalmente, para mim, eu acho que foi o medo. **Você está chegando aqui, você me está *quitando* (tirando) as coisas, sendo atendido primeiro.** Depois chegou a Operação Acolhida, dando também as coisas para os venezuelanos, permitindo que os venezuelanos estejam na rua, mas o brasileiro pensa “eu também preciso, mas eu não posso ficar na rua para vender...” Eu acho que isso tem a ver com as coisas que *passaram* (aconteceram), *por o* medo.

O termo “invasão” aparece não apenas na fala dos brasileiros, mas de alguns venezuelanos também, como é possível observar no texto acima. Mariana ressaltava os roubos efetuados por cidadãos do país vizinho, o medo e o sentimento de “invasão” que muitos brasileiros enfrentam com a nova realidade, com a percepção de que os migrantes estariam tirando as vagas de emprego e de atendimento médico que seriam dos cidadãos nascidos no Brasil. Mariana também faz uma comparação de como era Roraima há 20 anos e como é agora, justificando seu posicionamento de concordância com os brasileiros, de entender o medo deles. Se, por um lado, Mariana não acusa os brasileiros de xenofobia, mas procura entender o lado deles, uma atitude importante para se adaptar ao novo país; por outro lado, é necessário destacar que algumas informações negativas com relação aos venezuelanos costumam ser generalizadas, distorcidas e até inventadas no contexto de discriminação do outro, gerando a criminalização dos migrantes de crise. A fala do Rogério traz um pouco dessa discussão:

Rogério: eu acho que foi a OIM⁴ que fez um cartaz, e eles **colocaram mentiras, coisas que as pessoas falam com respeito à migração** e com os dados reais de qual é o número de venezuelanos migrantes aqui no Brasil e o número de migrantes brasileiros em outros países e não tem comparação, tem muito mais brasileiros em outros países que venezuelanos aqui no Brasil, mas também por causa da população mesmo de cada país, né. Na verdade, **o número de venezuelanos acá em Roraima é alto mesmo**, além disso, Roraima é o estado com o PIB *mais pequeno* do Brasil, com a menor população brasileira. *Entonces*, quando o fluxo de venezuelanos chegou a Roraima, ia se notar, por causa disso.

Como fica claro na fala de Rogério, ele entende que a quantidade de migrantes venezuelanos é muito alta em Roraima, destacando as características que fazem do estado um lugar com pouca estrutura para receber grande quantidade de pessoas. No entanto, o venezuelano afirma que há informações falsas sendo divulgadas no estado com relação aos migrantes de crise, o que acaba aumentando o sentimento de “invasão” e o preconceito contra essas pessoas.

Ronaldo manifestou-se após todos terem emitido suas opiniões e contou um pouco do que sente atualmente como morador de Roraima:

Ronaldo: bom, ouvindo os colegas, a gente sabe que a situação que a gente vive nos tempos de hoje não é nada fácil. É triste. Eu moro no Brasil já há 20⁵ anos, e na época que eu vim pra cá, a história era outra, eram tempos dourados, porque a situação era diferente, os brasileiros elogiavam muito a Venezuela, a gente escutava tanto de tanto brasileiro ir para Margarita, pra Mérida, todas essas... os parques nacionais que tem na Venezuela, e eu ficava muito contente de ouvir isso. **Só que o tempo foi passando e lógico que essa situação migratória hoje, e não só aqui no Brasil, mas em outros países... eu acho que os países não estão capacitados de aceitar um número grande de pessoas e, realmente, muitas pessoas tradicionais se incomodam com essa situação.** O tempo que eu estou aqui eu escuto muita coisa na rua e é triste sim, não baixo a cabeça pra isso, e também não... **não fico de olhos fechados né**, porque a gente não pode bater boca com isso, a gente não pode ser igual com as pessoas que são xenofóbicas, que são preconceituosas, a gente tem que entender que existem leis pra isso e, obviamente, se você é apontado por alguém que está sendo xenofóbico, tem a delegacia, você pode representar contra... como um crime, né, **mas escuta muito e obviamente que a gente tem que ter paciência, né, e entender que algum dia isso vai mudar**, tem que mudar porque o planeta está mudando, é meu ponto de vista. **Eu trabalhei muito tempo em hospital, eu sou formado em enfermagem e eu vi situações dessas, é triste que eu abandonei minha carreira por causa dessas situações que a gente vê; colocar a dor como algo não tão importante, muito mais importante o idioma, “ah, se ele é venezuelano, vamos deixar ele aí”.** Isso tem que mudar, obviamente com as políticas públicas e tudo isso, mas a representação é muito lenta, mas repito, a gente não pode baixar

⁴ Organização Internacional para as Migrações

⁵ Ronaldo é o único participante do curso de extensão de Produção Textual para Imigrantes que não pode ser considerado migrante de crise, pois veio para o Brasil muito tempo antes da crise econômica e social da Venezuela, e também não enfrentou os problemas de preconceito e xenofobia durante o processo migratório, como ele mesmo relata.

a cabeça, mas também a gente não pode comprar briga porque a gente tá em outro país. **Independentemente se você é naturalizado, independentemente se você chegou hoje, chegou há 4 anos, não importa, é minha opinião. Não adianta bater boca porque as pessoas estão muito transtornadas, existem sentimentos reprimidos que estão dando tudo isso.**

O relato de Ronaldo deixou claro seu ponto de vista e o contexto no qual está inserido, bem como o tempo, pois trouxe a visão de uma época em que os brasileiros gostavam da Venezuela, quando aquele país não estava em crise e as pessoas viviam bem por lá, ou seja, não havia necessidade de emigrar a outros países. A fala dele contrasta com os tempos atuais, em que a xenofobia é algo rotineiro em Roraima devido ao grande fluxo de migrantes venezuelanos. Ronaldo também esclareceu que o preconceito não acontece apenas no Brasil, mas está ocorrendo em outros países receptores de migrantes, pois como ele afirma, não estão preparados para receber grande quantidade de pessoas. Apesar de ouvir muitos comentários xenofóbicos, Ronaldo diz não “baixar a cabeça” e não “ficar de olhos fechados”, com isso, ele não fica indiferente, mas também não permite que lhe afete diretamente.

É muito marcante quando Ronaldo afirma ter abandonado a carreira de enfermeiro porque não queria mais presenciar situações de preconceito dentro das unidades de saúde. Ainda seguindo as palavras dele, “colocar a dor como algo não tão importante, muito mais importante o idioma”, evidencia como as práticas linguísticas dos migrantes de crise influenciam nos serviços oferecidos a estes sujeitos. Dessa forma, é possível perceber como as ideologias e as representações negativas sobre as línguas dos migrantes venezuelanos negligenciam o atendimento em saúde em Roraima.

Conforme aponta Shohamy (2006), as práticas sociais e as representações atuam na constituição da ideologia consensual. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo em que derivam das práticas sociais, as representações as influenciam e as fomentam, pois os mecanismos de políticas linguísticas determinam a maneira pela qual as pessoas percebem uma língua e, por sua vez, influenciam as atitudes acerca dessa língua.

Seguindo o mesmo viés, uma das perguntas realizadas ao grupo diz respeito ao uso da língua espanhola, especificamente, como são tratados quando se comunicam em espanhol, como observamos a seguir:

Mariana: nós tivemos um episódio no hospital, que meu filho mais novo *caió e fuimos* ao hospital. **Lá estava uma brasileira falando muito, muito ruim dos venezuelanos, mas eu fiquei calada, ela ouviu *nós* falar, mas como ela estava falando *sola* (sozinha), eu ignorei *eso*.**

Pesquisador: e depois te atenderam normal?

Mariana: isso, porque, como falou Ronaldo, eu não tenho que cair na *misma*... no mesmo negócio que ela; tenho que demonstrar que as coisas não são assim e não todos somos... assim, porque, na Venezuela, eu sou *caraqueña* (natural de Caracas), mas eu morei... trinta anos em Puerto Ordaz, que é aqui, mais perto de Roraima, e **em Puerto Ordaz tinha muitos brasileiros, eu conheci muitos, muitos brasileiros lá, tem gente boa, como todo mundo, como qualquer nacionalidade, você vai conseguir gente boa, gente não tão boa e gente ruim também.**

A narrativa de Mariana destaca que não se deve cair em provações de brasileiros xenofóbicos, explicando que alguns costumam fazer generalizações, como se todos os venezuelanos fossem pessoas

ruins, ou seja, reproduzindo a representação de migrantes indesejados, cidadãos fora da lei, invasores. Mariana contou que na cidade de Puerto Ordaz, na Venezuela, conheceu muitos migrantes brasileiros, pessoas boas e outras não tão boas, afirmando que é algo normal em qualquer nacionalidade, por isso prefere ignorar quando escuta brasileiros falando mal de venezuelanos.

Evidencia-se que o uso da língua espanhola em Roraima pode influenciar atitudes xenofóbicas, como quando Mariana disse: “Ela ouviu nós falar”, quis dizer que a cidadã brasileira ouviu a Mariana falando espanhol com a família, e nesse momento proferiu as ofensas contra os migrantes venezuelanos, claramente querendo atingir as pessoas que ali estavam falando língua espanhola, a língua do “invasor”.

Considerações finais

Após refletir acerca da representação do migrante venezuelano como “invasor” e da estigmatização da língua espanhola em Roraima, por parte da população roraimense, é possível concordar com Shohamy (2006) quando afirma que as representações influenciam e fomentam as práticas linguísticas. Nesse sentido, a representação do migrante venezuelano como “invasor” em Roraima afeta diretamente a maneira como os roraimenses percebem o uso da língua espanhola e, por sua vez, influenciam as atitudes acerca dessa língua.

Dessa maneira, a língua espanhola é associada ao migrante indesejado e não a uma língua de grande importância internacional. A língua, portanto, passa a ser estigmatizada e seus falantes representados como “invasores”, como membros de uma *comunidade marginalizada* dentro das relações de poder da sociedade roraimense.

Como ficou claro nos trechos das narrativas orais analisadas, em certas situações alguns migrantes preferem ficar em silêncio para não serem reconhecidos como o migrante indesejado, o “fora da lei”, “o invasor”. Outros participantes da pesquisa demonstram entender o “sentimento de invasão” dos roraimenses devido à grande quantidade de venezuelanos que habita atualmente no estado de Roraima e aos “problemas” que alguns contrerrâneos já causaram. Porém, sabem que não devem deixar de falar sua língua materna nem cair em provocações por causa de atitudes xenofóbicas.

Os sujeitos desta pesquisa estão cientes de que o uso da língua espanhola pode ocasionar que sejam negligenciados ao buscarem atendimento nos serviços públicos, como já aconteceu com alguns, mas sabem que devem lidar com tais situações da melhor maneira possível. Essa maneira pode ser apenas ignorar as falas e atitudes preconceituosas, como a Mariana costuma fazer; em outros casos a estratégia é ficar calado, como a Mônica fez no episódio da lotérica. Porém, o mais importante é “levantar a cabeça” como sugerido por Ronaldo, e mostrar que são pessoas que não escolheram migrar, foram obrigadas pela crise do país natal e saíram em busca de oportunidades para recomeçar a vida. Contudo, como a Mariana e a Mônica afirmaram, em Roraima há muitas pessoas boas, que não são preconceituosas, portanto, a representação de migrante “invasor” não é compartilhada por toda a população.

Referências

ALMEIDA, E. R.; RODRIGUES, F. S.; CRUZ, A. V. 2020. DE REFUGIADO A BÁRBARO: uma análise das situações de violências envolvendo imigrantes venezuelanos em Boa Vista. In: OLIVEI-

RA, M. M.; DIAS, M. G. S. (orgs.). *INTERFACES DA MOBILIDADE HUMANA NA FRONTEIRA AMAZÔNICA*. Boa Vista, RR: Editora UFRR, p. 148.

ANDERSON, B. 1989. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras, 336 p.

ARAGÃO, T; SANTI, V. 2018. Somos Migrantes: o uso das redes sociais na produção midiática alternativa sobre a migração venezuelana em Roraima. *Aturá*, Revista PanAmazônica de Comunicação, **Volume. 2** (1), p. 136-156, Jan-Abr. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/4627/12534> Acesso em: 13 maio 2019.

BAENINGER, R. 2018. Governança das migrações: migrações dirigidas de venezuelanos e venezuelanas no Brasil. In: BAENINGER, R; SILVA, J.C (coord); ZUBEN, C. et al (orgs). *Migrações venezuelanas*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de população – NEPO/UNICAMP, p. 135-140. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf. Acesso em: 04 dez. 2019.

BRASIL. Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017. *Institui a Lei de Migração*. Diário Oficial da União, Brasília, 25 de maio de 2017a. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm Acesso em: 16 nov. 2018.

CASTELANO RODRIGUES, F. 2018. A noção de direitos linguísticos e sua garantia no Brasil: entre a democracia e o fascismo. *Línguas e instrumentos linguísticos*, **n. 42**. Campinas: Editora RG, p. 33-56. Disponível em: <http://www.revistalinguas.com/edicao42/edicao42.pdf>. Acesso em: 07 maio 2020.

COSTA, E., J. 2021. (DES)ENCONTROS ENTRE A NÃO CRIMINALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES NA LEI Nº 13.445 E O PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO (PLAC). In: ROCHA, Nildicéia Aparecida; GILENO, Rosangela Sanches da Silveira (orgs.). *Português Língua Estrangeira e suas interfaces*. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 105-120.

DERRIDA, J. 2000. *Of hospitality/* Anne Dufourmantelle invites Jaques Derrida to respond. Translated by Rachel Bowlby. California: Stanfor University Press. 176 p.

JODELET, D. 2001. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.

LAGARES, X. C. 2013. Ensino do espanhol no Brasil: uma (complexa) questão de política linguística. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, p.181-198.

LIMA, M. G. A. 2015. *Crenças de alunos brasileiros que vivem na fronteira Brasil/Venezuela a respeito do processo de ensino/aprendizagem do espanhol como língua estrangeira*. Boa Vista, RR. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Roraima, 85 p.

MAHER, T. M. 2013. Ecos de resistência: políticas linguísticas e línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. (orgs). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, p.117-134.

MOITA LOPES, L. P. 1994. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. *D.E.L.T.A.*, **10** (2): p. 329-338.

_____. 2006. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola.

MOREIRA, B. J.; BORBA, H. O. M. 2021. Invertendo o enfoque das “crises migratórias” para as “migrações de crise”: uma revisão conceitual no campo das migrações. *Revista Brasileira de Estudos de População*, **38**: p. 1-20. Disponível em: <https://rebecp.org.br/revista/article/view/1613> . Acesso em: 14 maio 2021.

MOTA, D. M. 2019. *Representações sociais, mídia e violência*: a “construção” do migrante e da migração venezuelana em Roraima por meio de websites da Folha de Boa Vista e Folha de São Paulo. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras - UFRR, Boa Vista, RR. 184 f.

MOURA, R. M. F.; SOUZA, M. J. M. 2019. O venezuelano invasor em Boa Vista (RR): uma análise crítica dos discursos de ódio no Facebook. *Revista X*, Curitiba, **volume. 14** (6): p. 44-65. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/65739>. Acesso em: 10 fev. 2022.

OLIVEIRA, I. A. D.; LACERDA, E. D. 2018. Migração venezuelana e xenofobia em Roraima, Brasil. In: BAENINGER, R; SILVA, J.C (coord); ZUBEN, C. et al (orgs). *Migrações venezuelanas*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de população – NEPO/UNICAMP, p. 231-235. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf. Acesso em: 04 dez. 2019.

R4V. 2022. TOTAL DE REFUGIADOS (AS) E MIGRANTES DA VENEZUELA NO BRASIL. Disponível em: <https://www.r4v.info/pt/brazil> . Acesso em: 11 nov. 2022.

SARMENTO, G. S.; ROGRIGUES, F. S. 2018. Entre a acolhida e o rechaço: breves notas sobre a violência e os paradoxos da migração venezuelana para o Brasil. In: BAENINGER, R; SILVA, J.C (coord); ZUBEN, C. et al (orgs). *Migrações venezuelanas*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de população – NEPO/UNICAMP, p. 242-249. Disponível em: https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mig_venezuelanas/migracoes_venezuelanas.pdf. Acesso em: 05 dez. 2019.

SHOHAMY, E. 2006. *Language Policy*: Hidden agendas and new approaches. New York: Routledge, 208 p.

SILVA, C. R. 2018. Migração de venezuelanos para São Paulo: reflexões iniciais a partir de uma análise qualitativa. In: BAENINGER, R. et al (orgs). *Migrações Sul-Sul*. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2ª ed., p. 356-367.

SILVA, J. C. J. 2017. “O transbordamento no Brasil da tensão na Venezuela”. *Mundorama*. Revista de Divulgação Científica em Relações Internacionais. Disponível em: https://www.academia.edu/34394573/O_transbordamento_no_Brasil_da_tens%C3%A3o_na_Venezuela . Acesso em: 28 maio 2021.

SILVA, T. T. 2009. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença*. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes. p. 73-102.

ZAMBRANO, C. E. G. 2020. Español como lengua de migración en Roraima y las nuevas políticas

lingüísticas horizontales y verticales. *XI Congresso Brasileiro de Hispanistas. Anais*. Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72670>. Acesso em: 5 jan. 2021.

ZAMBRANO, C. E. G. 2021a. *Acolher entre línguas: representações linguísticas em políticas de acolhimento para migrantes venezuelanos em Roraima*. Belo Horizonte, MG. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 226 p.

ZAMBRANO, C. E. G. 2021b. Letramento crítico e ensino comunicativo em perspectiva intercultural: experiência com imigrantes venezuelanos. In: MONTEIRO, H. M. V.; ARAÚJO, M. S. M. COSTA, I. C.; (Orgs.) *Letras em Fronteiras: diálogos entre linguística, literatura e ensino*. Boa Vista, RR: Edições UERR, p. 26-40. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/view/46/48/443> . Acesso em: 11 nov. 2022.

Submetido: 24/06/2022

Aceito: 17/11/2022